



Encontros Bibli

ISSN: 1518-2924

Universidade Federal de Santa Catarina

Alencar, Máira Fernandes; Tognoli, Natália Bolfarini; Cervantes, Brígida Maria Nogueira
OUTROS HORIZONTES CRÍTICOS E DECOLONIAIS NOS ESTUDOS ARQUIVÍSTICOS:
EM CONSTRUÇÃO UM MAPEAMENTO DO DOMÍNIO EDITORIAL INTERNACIONAL

Encontros Bibli, vol. 28, Esp, e92661, 2023

Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e92661>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14775597003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Encontros Bibli

OUTROS HORIZONTES CRÍTICOS E DECOLONIAIS NOS ESTUDOS ARQUIVÍSTICOS: EM CONSTRUÇÃO UM MAPEAMENTO DO DOMÍNIO EDITORIAL INTERNACIONAL

Other critical and decolonial horizons in archival studies: under construction a mapping of the international publishing domain

Maíra Fernandes Alencar

Universidade Estadual de Londrina,
Departamento da Ciência da Informação,
Londrina, PR, Brasil.
alencarmfa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5221-1980> 

Natália Bolfarini Tognoli

Universidade Federal Fluminense (UFF),
Departamento de Ciência da Informação
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
nataliatognoli@id.uff.br

<http://orcid.org/0000-0002-0609-498X> 

Brígida Maria Nogueira Cervantes

Universidade Estadual de Londrina,
Departamento da Ciência da Informação,
Londrina, PR, Brasil.
brigidacervantes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7356-1798> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: Os estudos críticos e decoloniais estão cada vez mais presentes nas produções científicas dos campos relacionados aos arquivos, bibliotecas e museus, em especial na literatura internacional. Considerando a escassez de literatura Arquivística sobre o tema no contexto brasileiro, este artigo realiza um mapeamento no domínio editorial internacional da Arquivística, buscando por números especiais/temáticos e livros cujos focos e temas recaem sobre a dimensão epistêmica crítica e decolonial.

Método: A metodologia é exploratória e descritiva, com uso da análise de domínio de Hjørland (2002) na lente de estruturação científica e epistêmica. Foram selecionados para análise os periódicos *Archival Science* e *Journal of Critical Library and Information Studies* e as editoras *Litwin Books* e *Routledge*, com as respectivas séries temáticas *Archives*, *Archivists and Society* e *Studies in Archives*.

Resultado: Os resultados demonstraram um domínio composto por oito editoriais (2 em revistas e 6 em livros) em um período de 2017 a 2022, indicando uma preocupação recente da área em discutir os temas críticos e decoloniais. Outrossim, os 13 editores compõem uma comunidade discursiva ainda em construção, advindos de países com histórico de colonização, com maior predominância na América do Norte, filiados às Universidades, com pesquisas voltadas para os temas que englobam o espectro da dimensão crítica e decolonial (arquivos comunitários, justiça social, história oral, impacto emocional do trabalho arquivístico, arquivos digitais, memória, direitos humanos, entre outros).

Conclusões: Por meio deste mapeamento foi possível chegar à identificação, ainda que inicial, da lógica da estruturação científica e epistêmico-biográfica das temáticas crítica e decolonial na Arquivística internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivística Decolonial. Estudos arquivísticos críticos. Pluralismo Arquivístico. Análise de Domínio. Domínio editorial.

ABSTRACT

Objective: Critical and decolonial studies are becoming increasingly common in scholarly productions related to archives, libraries, and museums, especially in international literature. Considering the lack of archival literature on the subject in the Brazilian context, this article aims to map the international editorial domain of *Archival Science*, searching for special/thematic issues and books whose focus and theme fall in the critical and decolonial epistemic dimension.

Methods: The methodology is exploratory and descriptive, using Hjørland (2002) domain analysis through the lens of scientific and epistemic structuring. The journals *Archival Science* and *Journal of Critical Library and Information Studies* and the publishers Litwin Books and Routledge were selected for analysis, with the corresponding thematic series *Archives*, *Archivists and Society* and *Studies in Archives*.

Results: The results showed a domain composed of eight editorials (2 in journals and 6 in books) from 2017 to 2022, indicating a recent concern in discussing critical and decolonial themes. Furthermore, the 13 editors make up a discourse community still under construction, coming from countries with a history of colonization, with a more significant predominance in North America. They are affiliated with universities, with research focused on the themes encompassing the critical and decolonial dimensions (community archives, social justice, oral history, the emotional impact of archival work, digital archives, memory, and human rights, among others).

Conclusions: Through this mapping, it was possible to identify, albeit initially, the logic of the scientific structuring, and biographical epistemic of critical and decolonial themes in international archival science.

KEYWORDS: Decolonial Archival Science. Critical Archival Studies. Plural Archival Studies. Domain Analysis. Editorial Domain.

1 INTRODUÇÃO

Embora nem sempre sob a égide do termo decolonial, os estudos críticos sobre a produção, organização e uso do conhecimento podem ser encontrados na literatura há bastante tempo, em especial na Biblioteconomia, Documentação, Organização do Conhecimento e História do Livro e da Biblioteca, buscando compreender as implicações políticas, sociais e culturais das formas como o conhecimento é produzido, organizado, representado e utilizado em diferentes contextos.

No contexto brasileiro, observamos nas últimas décadas um aumento do debate crítico e decolonial na literatura, sobretudo na área de estudos da informação, com especial foco na Organização do Conhecimento (MOURA, 2018; SALDANHA, 2019; MIRANDA, 2019; GARCEZ; SALES, 2021). Os estudos argumentam que as práticas de organização do conhecimento não são neutras, mas moldadas por pressupostos políticos, culturais e históricos, como um reflexo das relações de poder que existem na sociedade. A perspectiva decolonial e crítica versa, principalmente, sobre uma visão de mundo emancipatória, visando um pensamento não opressor em qualquer marcador social existente.

Ao contrário do que observamos no âmbito da Biblioteconomia e da Organização do Conhecimento, no que toca à produção científica no contexto da Arquivística há uma escassez de textos que incluem a discussão dos estudos críticos e decoloniais, conforme demonstrou o resultado da busca¹ pelos termos combinados: "teoria crítica" AND "arquivologia/arquivística" e "decolonial AND arquivologia/arquivística" na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) (campo assunto), onde foi recuperado um trabalho² na vertente crítica e nenhum na vertente decolonial.

¹ Busca realizada no dia 02/04/2023.

² O trabalho recuperado é de Tognoli e Rocha (2021) intitulado: A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura.

A falta de produção científica sobre o tema no contexto nacional evidencia, ainda, uma não-visibilidade dos estudos críticos e decoloniais também no contexto de formação na educação Arquivística brasileira, aspecto que motiva este artigo³.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um mapeamento a partir do domínio editorial internacional de artigos e livros cujos focos e temas recaem sobre a dimensão epistêmica crítica e decolonial, ao debater, especificamente, os temas de justiça social e direitos humanos. Pretendemos, ainda, iniciar a caracterização da comunidade discursiva envolvida na construção desse domínio voltado aos estudos arquivísticos críticos e decoloniais.

A escolha por agrupar as dimensões crítica e decolonial se justifica por duas razões: a primeira é que ambas são formas de enfrentamento do contexto macro de dominações patriarcal, capitalista e colonial, visando, portanto, a ampliação do campo arquivístico em direção a um movimento emancipatório de memória libertadora (CASWELL, 2021); a segunda é que são temas que se aproximam em seus objetivos, com autores em comum, o que estrategicamente nos permite evidenciar um mapeamento contextual.

A metodologia é do tipo exploratória e descritiva, com uso da análise de domínio de Hjørland (2002) na lente de estruturação científica e epistêmica. As etapas incluem a caracterização das fontes, seus autores e autoras, bem como as temáticas abordadas, tendo como recorte as edições especiais dos periódicos *Archival Science* e *Journal of Critical Library and Information Studies*, além da série de publicações Arquivísticas das editoras *Litwinbooks - Archival Studies* e *Routledge Studies in Archives*.

Os periódicos e as editoras escolhidos para análise neste artigo possuem séries e dossiês especiais com foco nas dimensões crítica e decolonial, razão pela qual foram selecionados. O periódico *Archivaria*, embora possua textos com a temática, não foi selecionado para compor o corpus devido à quantidade menor de dossiês temáticos da proposta, bem como à necessidade de um recorte da pesquisa.

³ Este artigo faz parte de um dos eixos de um projeto coletivo e colaborativo maior, ainda em construção, intitulado: *Mapeamento de domínios editoriais críticos e decoloniais na área de estudos da informação: Foco nas áreas da Arquivística, Biblioteconomia, Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento (2000-2022)*, que visa identificar autores/as, vínculos institucionais, e temáticas a partir de um enfoque da Análise de Domínio com as lentes de estruturação científica, epistêmica-biográfica, e bibliométrica.

2 A PERSPECTIVA CRÍTICA E DECOLONIAL NOS ESTUDOS ARQUIVÍSTICOS

A temática de estudos arquivísticos de cunho crítico e decolonial - com esses termos explícitos - é considerada recente na área, ainda que a busca por uma perspectiva pluralista na Arquivística possa ser observada desde os estudos de Zinn (1977), ecoando nos trabalhos de autores contemporâneos (JIMERSON, 2007; HARRIS, 2002, CASWELL, 2021, GILLILAND, 2011) que discutem a necessidade de ampliar teorias e práticas em direção a uma aproximação para e com os grupos sociais marginalizados.

Os estudos arquivísticos críticos têm como base as teorias críticas da Escola de Frankfurt, visando discutir as relações dos arquivos com os fenômenos estruturais da sociedade, com especial ênfase no impacto desses na *práxis* Arquivística. Assim, emergem as discussões sobre a análise e operação do poder no contexto de criação dos documentos, nas funções Arquivísticas (especialmente na criação, descrição e avaliação) e nos princípios e conceitos que sustentam a disciplina. Consequentemente, são afetadas as relações com a atuação profissional dos arquivistas, cuja formação deve se pautar, também, em um ensino voltado para a ética e para o cuidado com o outro.

Os estudos arquivísticos críticos são abordagens que visam explicar o que é injusto na prática e pesquisa da Arquivologia contemporânea com agendas de pesquisa com objetivos para transformar a prática e a teoria Arquivística e a sociedade de maneira ampla (CASWELL; PUNZALAN; SANGWAND, 2017). Esses esforços incluem diferentes teorias, como a teoria crítica da raça, teoria *queer*, teoria feminista, teorias pós-coloniais e decoloniais.⁴

Entendemos o conceito de decolonialidade tendo como base os autores/autoras da vertente modernidade-colonialidade. Assim como ocorre com as teorias críticas, o campo dos estudos decoloniais é muito amplo e envolve diferentes áreas do conhecimento. Mas, de que falamos quando usamos o sentido decolonial em âmbito arquivístico? Trata-se de decolonizar o que exatamente? A disciplina Arquivística, as práticas em um Arquivo, a forma como atuamos, ensinamos e pensamos os Arquivos?⁵

⁴ Destacamos que, embora não exista consenso sobre a decolonialidade inserida nas teorias críticas, estamos partindo, por ora, da visão de que seja uma teoria alternativa àquelas da Arquivística tradicional, sendo considerada, portanto, uma teoria crítica.

⁵ “Uma pergunta final é: devemos ter o objetivo de 'decolonizar os arquivos'? Reconhecendo os paradigmas coloniais inerentes que informam e moldam os arquivos como instituições, propomos afastar-nos da questão da decolonização dos próprios arquivos e sugerir, em vez disso, a aplicação de uma sensibilidade crítica decolonial historicamente informada em nosso envolvimento com os arquivos.” (FRASER; TODD, 2016, s-p, tradução nossa)

Certamente, pode tratar-se de todas elas e envolver tantas outras formas possíveis, com foco em romper com a dimensão colonial existente, desde uma decolonialidade centrada no poder, saber ou ser. Há, portanto, muitos caminhos para responder a essas perguntas.

Ao olharmos para a questão, um caminho possível é a compreensão de que quando falamos em decolonialidade, reconhecemos a existência da colonialidade, isto é, que há, ainda, uma forma de dominação existente enquanto uma “lógica global de desumanização”. Nesse sentido, a decolonialidade “refere-se a luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos” (MALDONADO-TORRES, 2018. p. 36), sendo, portanto, um conceito que está alinhado com o conceito de libertação.

Maldonado-Torres utiliza o termo “giro decolonial” para referir-se “tanto a uma mudança de atitude como a afirmação de um projeto de ação que envolve intervenções políticas, artísticas, intelectuais, epistemológicas, entre outras” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 562, tradução nossa), de forma que a compreensão de decolonialidade tem a ver com “a produção de um mundo novo e de uma noção e prática nova de ser humano” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 562, tradução nossa). Atribuindo esse mesmo sentido em âmbito arquivístico “a decolonização dos arquivos é uma manifestação crítica dessa “mente decolonial” em desenvolvimento e os registros que uma comunidade cria estão no centro dessa progressão.” (BASTIAN; AARONS; GRIFFIN, 2008, p. 3, tradução nossa).

A respeito das origens dos Arquivos, e considerando o contexto da Revolução Francesa, compreendemos que os “arquivos nacionais e os princípios que sustentam sua gestão são sempre já coloniais e imperiais [...]” (GHADDAR; CASWELL, 2019, p. 76, tradução nossa).

[...] a *práxis* arquivística decolonial começa a partir desse entendimento de que o colonialismo, o império e a raça ocidentais são aspectos muito mais penetrantes de nosso campo do que geralmente se considera. De fato, eles estão inextricavelmente enredados com todas as facetas de como pensamos, falamos e trabalhamos no campo porque são características definidoras da modernidade em todos os lugares, inclusive na forma neoliberal hoje (GHADDAR; CASWELL, 2019, p. 78, tradução nossa).

Nesse sentido, abordar a decolonialidade na área pode ser considerada uma ação contra as lógicas coloniais no contexto dos registros e da memória. Por exemplo, a criação de narrativas pelo foco do oprimido pode envolver a criação de arquivos comunitários ou participativos, entre outras ações.

Em síntese, os estudos arquivísticos decoloniais visam romper com a lógica da colonialidade existente no campo, seja no ensino ou nas práticas de criação e preservação

da memória. Por fim, sobre as dimensões decolonial e crítica juntas, não temos a pretensão de esgotar o assunto aqui, já que o tema demanda estudos mais aprofundados, porém, entendemos que uma forma inicial de analisar a literatura internacional da área é situar ambas enquanto correntes epistêmicas que visam mudanças de forma estrutural nas *práxis* Arquivísticas.

3 OS DOMÍNIOS EDITORIAIS TEMÁTICOS ENQUANTO CAMINHOS DE VISIBILIDADE NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Nesta seção, apresentamos a vertente editorial temática enquanto um domínio, compreendido segundo um “corpo de conhecimento, definido social e teoricamente como o conhecimento de um grupo de pessoas que compartilham compromissos ontológicos e epistemológicos [...] níveis de estabilidade e infraestrutura”(HJØRLAND, 2017, s. p.). Cabe destacar, também, que um domínio pode ser definido enquanto um **conjunto literário** ou um grupo de pessoas trabalhando juntas em uma organização (MAI, 2005; REGO, 2020).

O mapeamento de um domínio pode ocorrer por diferentes vias, mas ao caracterizar as linhas editoriais enquanto um domínio, torna-se possível conhecer a procedência de grupos que escrevem sobre um tema, o que consideramos ser um importante elemento para a caracterização de comunidades discursivas, compreendidas aqui “enquanto distintos grupos sociais sincronizados em pensamento, linguagem e conhecimento, constituintes da sociedade moderna” (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995, p. 400).

No Brasil, as linhas editoriais da área da Arquivística estão centradas e relacionadas com os campos da História, da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento. Tem-se, por exemplo, periódicos arquivísticos ligados às Associações profissionais, com foco em textos teóricos e aplicados da área dos arquivos (ex. Informação Arquivística, Officina, Ágora e a extinta Arquivo & Administração), outros são ligados às instituições Arquivísticas, notadamente aos arquivos públicos, com foco em textos acadêmicos e práticos, tangenciando os temas ligados à história e à administração (ex. Revista Acervo, Revista do Arquivo Público Mineiro, Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio Janeiro); há, ainda, periódicos ligados aos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, os quais conformam as ligações entre Arquivologia, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento (ex. Informação & Informação, Em Questão, Encontros Bibli, entre outros).

Além dos periódicos, editoras como a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possuem séries temáticas dedicadas aos



estudos arquivísticos. Todos esses domínios atuam enquanto canais de comunicação científica, direcionando a formação, atuação e o ensino em Arquivística, contribuindo para a visibilidade e conformação da comunidade discursiva da área. No contexto internacional, os domínios editoriais da Arquivística também seguem uma formação parecida, como será demonstrado na seção 5 deste trabalho.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é do tipo exploratória e descritiva com o uso da Análise de Domínio com as lentes de estruturação científica e epistêmica. As etapas do trabalho foram sistematizadas na Tabela 1:

Tabela 1 - Procedimentos metodológicos para a seleção, composição e análise do *corpus*

Etapas	Pergunta guia	Seleção
1) Seleção dos domínios	Quais tipos de domínios?	Domínios editoriais: ■ periódicos arquivísticos com dossiês temáticos ■ editoras que possuam séries arquivísticas
2) Escolha dos termos explícitos a serem pesquisados nesses domínios.	Quais termos precisam constar de forma explícita nos dossiês temáticos?	■ “ <i>decolonial archival</i> ” e/ou ■ “ <i>critical archival science</i> ”
	Quais termos precisam constar de forma explícita nos escopos das séries arquivísticas das editoras?	■ “ <i>decolonial archival</i> ” e/ou ■ “ <i>critical archival science</i> ” <u>Núcleo temático</u> (■ “ <i>social justice</i> ” ou ■ “ <i>human rights</i> ”)
3) Análise do <i>corpus</i>	Que tipo de análise realizar?	■ Análise de Domínio adaptada de Hjørland (2002) na lente de estruturação científica e epistêmica biográfica.
4) Coleta dos dados sistematizados em planilhas.	Quais dados devem ser coletados para a lente da estruturação científica?	■ a) nome do periódico ou livro e sua caracterização; b) número, volume e ano de publicação; c) nome dos autores e editores; d) título dos artigos e capítulos; e) idioma das publicações; f) temas dos trabalhos, e g) condições de acesso
	Quais dados devem ser coletados para a lente epistêmica biográfica?	■ a) nome do autor-autora/editor-editor(a); b) atuação profissional; c) temas de pesquisa; d) formação acadêmica; e) filiação institucional; e f) país.
5) Seleção do <i>corpus</i> para análise	Qual critério utilizar para a seleção do <i>corpus</i> ?	■ Dossiês e livros com os termos tanto da temática crítica e/ou decolonial ou do núcleo temático: justiça social, direitos

		humanos, e ênfases em aspectos que visassem questionar/desconstruir/ ampliar os estudos arquivísticos.
6) Apresentação via quadros do <i>corpus</i> selecionado	Qual será a forma de apresentação dos dados?	■ Quadros

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo Tennis (2012), há dois tipos de Análise de Domínio, a descritiva e a instrumental: a primeira é utilizada somente em pesquisas básicas, enquanto a instrumental é usada para criar sistemas de organização do conhecimento. Para fins deste trabalho, as análises estão focadas no âmbito descritivo, seguindo as etapas: a) *definição do domínio* - domínio editorial em âmbito arquivístico de cunho crítico e decolonial, no período de 2017-2022; b) *escopo e alcance* - dois dossiês de periódicos (um da *Archival Science* e outro da JCLIS) e seis livros (1 da *Litwin Books* e 5 da *Routledge*); e c) *propósito* - mapear o domínio editorial em âmbito arquivístico de cunho crítico e decolonial, mediante dossiês temáticos e linhas editoriais de séries de livros, para iniciar a caracterização da comunidade discursiva do domínio analisado.

Outra observação que julgamos necessária acrescentar aqui diz respeito às escolhas metodológicas para a seleção de artigos e livros que tivessem os termos *decolonial* e/ou *estudos críticos* no título dos dossiês/artigos, o que certamente limitou a pesquisa, deixando de fora alguns trabalhos que, apesar de não trazerem no título os termos “decolonial” ou “crítico, apresentam estudos emancipatórios nesta direção.

Considerando ainda que os escopos de séries são descrições de objetivos gerais, optamos por considerar, também, os termos do núcleo mais amplo como, por exemplo, justiça social e direitos humanos. Outro ponto observado foi a presença da menção à ampliação e/ou questionamento dos estudos arquivísticos, na descrição dos objetivos dos dossiês temáticos e das séries de livros. Essa situação foi observada no caso da *Routledge Studies*.

É importante esclarecermos, ainda, que temos consciência de que a presença dos termos decolonial e crítico no título não necessariamente significa que houve, de fato, um projeto de pesquisa em direção a uma agenda decolonial ou crítica, mas ainda assim devem ser considerados parte do *corpus* não só por estarem de acordo com os critérios estabelecido nesta pesquisa, como pelo fato de considerarmos que os textos podem contribuir para tornarem explícitos os termos e as discussões.

Certamente, há ainda um caminho a ser percorrido nas pesquisas de cunho decolonial e crítico que devem englobar estudos mais verticalizados em direção, por exemplo, à análise de conteúdo dos textos, a fim de um mapeamento mais completo da questão decolonial na Arquivística. Aqui não pretendemos esgotar o debate, mas, sim, iniciá-lo e apontar a sua necessidade.

5 RESULTADOS: ANÁLISES E DISCUSSÕES

Conforme o critério da pesquisa para a seleção do *corpus*, qual seja, a vertente crítica e decolonial no domínio editorial internacional da Arquivística, foram selecionados dois periódicos (*Archival Science* e *Journal of Critical Library and Information Studies*) e duas editoras com séries temáticas (*Litwin Books* - Série: *Archives, Archivists and Society* e *Routledge*- Série *Studies in Archives*).⁶ Em seguida, apresentam-se os resultados obtidos, categorizados em três subseções: **5.1** Domínio editorial: Edições temáticas de periódicos; **5.2** Domínio editorial: Séries de livros; e **5.3** Caracterização geral dos domínios editoriais de periódicos e livros em conjunto.

5.1 Domínio editorial: Edições temáticas de periódicos

O *Archival Science* é um periódico internacional, de periodicidade trimestral, publicado pela *Springer*. Seus editores atuais, Karen Anderson, Gillian Oliver e Elizabeth Yakel, pertencem a três diferentes países (Suécia, Austrália e Estados Unidos, respectivamente), assim como seu corpo editorial, que engloba pesquisadores renomados de diferentes continentes, o que demonstra uma intenção em pluralizar o debate acerca da Arquivística, considerando diferentes contextos, abordagens e teorias. Sobre sua política de acesso, há alguns artigos em formato *open source*⁷, mas predomina o formato pago. Em seu escopo, o periódico:

[...] promove o desenvolvimento da arquivística enquanto uma disciplina científica autônoma. A revista cobre todos os aspectos da teoria, metodologia e prática da ciência arquivística. Além disso, investiga diferentes abordagens culturais para a criação, gestão e fornecimento de acesso a arquivos, registros e dados. [...] Tem abordagem de foco integrada, interdisciplinar e intercultural. Seu escopo abrange todo o campo de informações relacionadas ao processo (*recorded process-related*

⁶ Embora a editora *Faceta Publishing*, da Cambridge, possua a série *Principles and Practice in Records Management and Archives*, ela não foi considerada parte do *corpus* por não haver no escopo da série a vertente crítica e decolonial, embora possua títulos como *Community Archives: the shapping of memory* (2009) de Jeannette A. Bastian; *Community Archives, Community Spaces: Heritage, Memory and Identity* (2019) de Jeannette A. Bastian e Andrew Flinn e *Participatory Heritage* de Henriette Roued-Cunliffe e Andrea Copeland.

⁷ Na política de acesso, consta que os autores/autoras que optam por publicar em acesso aberto devem pagar uma taxa de processamento do artigo.

information), analisadas em termos de forma, estrutura e contexto. Para atingir seus objetivos, a revista se baseia em disciplinas científicas que lidam com a função dos registros e a maneira como são criados, preservados e recuperados; o contexto no qual a informação é gerada, gerenciada e usada; e o ambiente social e cultural da criação de documentos em diferentes épocas e lugares. (WEBSITE ARCHIVAL SCIENCE, 2022, tradução nossa).

Desde os primeiros números em 2001 até 2022, foram publicadas 75 edições, sendo 25 temáticas, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Relação das edições especiais da *Archival Science* (2001-2022)

Ano	Editores	Tema da Edição Especial (quantidade de artigo)
2004 (v. 4, n. 3-4)	Anne Gilliland e Sue McKemmish	<i>Research Methods</i> (9)
2005 (v. 5, n. 2-4)	não consta	<i>Macroappraisal: Evolution and Application</i> (16)
2006 (v.6, n. 2) (v.6, n. 3-4)	Jeannette Allis Bastian	<i>Graduate Archival Education</i> (11)
	Karen Anderson, Eric Ketelaar, e Elizabeth Yakel	<i>Papers from the 2nd International Conference on the History of Records and Archives ICHORA-2</i> (10)
2007 (v.7, n.1)	Peter Doorn e Heiko Tjalsma	<i>Archiving research data</i> (8)
2008 (v. 8, n. 3) (v. 8, n. 4)	não consta	<i>Document Academy</i> (7)
	Paul F. Marty	<i>Digital Convergence: Libraries, Archives, and Museums in the Information Age</i> (6)
2009 (v. 9, n. 1-2) (v. 9, n. 3-4)	Joanna Sassoon e Toby Burrows	<i>Minority reports: Indigenous and community voices in archives. Papers from the 4th International Conference on the History of Records and Archives (ICHORA4), Perth, Western Australia, August 2008.</i> (10)
	Patricia Whatley e Caroline Brown	<i>The Philosophy of the Archive. Papers from the Conference held in Edinburgh, 10-11 April, 2008</i> (9)
2010 (v. 10, n. 3)	Randolph C. Head	<i>Archival Knowledge Cultures in Europe, 1400-1900</i> (11)
2011 (v. 11, n.1-2) (v. 11, n.3-4)	David A. Wallace	<i>Archives and the Ethics of Memory Construction</i> (8)
	Andrew Flinn e Elizabeth Shepherd	<i>Archives, Records and Identities – Questions of Trust</i> (14)
2012 (v. 12, n. 2) (v. 12, n. 4)	Sue McKemmish, Lynette Russell, Melissa Castan e Livia Iacovino	<i>Keeping Cultures Alive: Archives and Indigenous Human Rights</i> (8)
	Gillian Oliver e Wendy M. Duff	<i>Genre Studies in Archives</i> (8)
2013 (v. 13, n. 2-3)	Caroline Brown	<i>Memory, Identity and the Archival Paradigm</i> (9)
2014 (v.14, n. 3-4)	Michelle Caswell	<i>Archives and Human Rights</i> (12)

2015 (v. 15, n. 2) (v. 15, n. 4)	Milena Dobрева e Wendy M. Duff	<i>Digital Curation</i> (5)
	Andrew Flinn e Ben Alexander	<i>Archiving Activism and Activist Archiving</i> (6)
2016 (v. 16, n. 1)	Anne J. Gilliland e Marika Cifor	<i>Affect and the Archive, Archives and their Affect</i> (6)
2017 (v. 17, n. 1)	Ricardo L. Punzalan	<i>Select Papers from the 2015 Archival Education Research Institute (AERI)</i> (5)
2019 (v. 19, n. 2) (v. 19, n. 3-4)	Jamila Ghaddar e Michelle Caswell	<i>"To go beyond": towards a decolonial archival praxis</i> (7)
	Viviane Frings-Hessami e Fiorella Foscarini	<i>Archives in a Changing Climate - Part I</i> (5)
	Fiorella Foscarini e Viviane Frings-Hessami	<i>Archives in a Changing Climate - Part II</i> (5)
2021 (v. 20, n. 1)	James Lowry e Heather MacNeil	<i>Archival Thinking: Archaeologies and Genealogies</i> (7)
2022 (v. 22, n. 3)	Lise Jaillant; Katie Aske; Eirini Goudarouli e Natasha Kitcher	<i>Challenges and prospects of born-digital and digitized archives in the digital humanities</i> (8)

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nas informações do *website* do periódico.

É possível notar a continuidade de edições especiais, em específico de temas sobre a dimensão de mudanças epistêmicas na área, como, por exemplo, com focos de justiça social, direitos humanos, ativismo, entre outros. Nesse mesmo segmento, outra análise refere-se aos editores e editoras, onde nota-se que são referenciais nos temas, publicando sobre eles e construindo editoriais que dão visibilidade às dimensões discutidas nas edições temáticas.

No que concerne especificamente ao pensamento crítico e decolonial, destacam-se as edições⁸ de 2009 (*Vozes indígenas e comunitárias em arquivos*), 2011 (*Os arquivos e a ética da construção da memória; Arquivos, registros e identidades – questões de confiança*), 2012 (*Mantendo culturas vivas: arquivos e direitos humanos indígenas; Estudos de gêneros em arquivos*), 2013 (*Memória, identidade e paradigma arquivístico*), 2014 (*Arquivos e direitos humanos*), 2015 (*Archiving Ativismo e ativismo arquivístico*), 2016 (*Afeto e Arquivo, Arquivos e seus afetos*), 2017 (*Ir além: em direção a uma práxis arquivística decolonial*), 2019 (*Arquivos na mudança climática I e II*) e 2021 (*Pensamento arquivístico: arqueologias e genealogias*), cujos editores são Andrew Flinn, Elizabeth Shepherd, Sue McKemmish, Wendy M. Duff, Michelle Caswell, Ben Alexander, Anne J. Gilliland, Marika Cifor, Ricardo L. Punzalan, Jamila Ghaddar, James Lowry e Heather MacNeil.

⁸ Compõem o *corpus* dessas edições 105 artigos que estão sendo analisados em uma pesquisa em andamento de um dos autores deste texto, e que têm sido influentes para as discussões de teorias e métodos do pluralismo arquivístico.

O segundo periódico, *Journal of Critical Library and Information Studies* (JCLIS) teve início em 2017, seu editor chefe é André Lau, e os editores associados são: Emily Drabinski e Rory B. Litwin. Sua publicação é em acesso aberto pela editora acadêmica independente de livros sobre mídia, comunicação e registro cultural, a *Litwin Books*. Apesar desse periódico não ser voltado apenas para a Arquivística, há uma predominância de focos da área, com publicações de autoras e autores representativos dentro dos estudos arquivísticos críticos e decoloniais. Nesse sentido, cabe ressaltar sua ênfase na dimensão explícita de cunho crítico, ao mencionar o objetivo de:

[...] dar visibilidade a pesquisas inovadoras que questionam e criticam os paradigmas atuais e predominantes em estudos de biblioteca e informação, na teoria e na prática por meio de **abordagens críticas** e perspectivas que se originam nas ciências humanas e sociais. A JCLIS está empenhada em fornecer uma plataforma para a publicação de pesquisa inter/multi/transdisciplinar rigorosa que, de outra forma, poderia ser marginalizada dos discursos dominantes. (WEBSITE JCLIS, 2022, *tradução nossa*).

Desde sua criação o periódico publicou 6 edições, todas temáticas.

Quadro 2 - Relação das edições do JCLIS (2017-2022)

Ano	Editores	Tema da Edição Especial (quantidade de artigo)
2017 (v.1, n.1)	Ronald E. Day, Andrew J Lau, Alycia Sellie	<i>Inaugural Issue</i> - (13) <i>Tema do editorial: Why is the Journal of Critical Library and Information Studies Needed Today?</i>
2017 (v.1, n.2)	Michelle Caswell, Ricardo Punzalan, e T-Kay Sangwand	<i>Critical Archival Studies</i> (9)
2019 (v.2, n.1)	Marika Cifor e Jamie A. Lee	<i>Evidences, Implications, and Critical Interrogations of Neoliberalism in Information Studies</i> (5)
2019 (v.2, n.2)	Stacy E. Wood, James Lowry, e Andrew J Lau	<i>Information/Control - Control in the Age of Post-Truth</i> (7)
2020 (v.3, n.1)	Eira Tansey, Robert Montoya, com editor assessor Andrew J Lau.	<i>Libraries and Archives in the Anthropocene</i> (5)
2021 (v.3, n.2)	Elvia Arroyo-Ramírez, Jasmine Jones, Shannon O'Neill e Holly A. Smith	<i>Radical Empathy in Archival Practice</i> (12)

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nas informações do *website* do periódico.

Importante destacar que até o fechamento desse artigo, haviam duas edições ainda em versão *pre-print*, que não foram consideradas no trabalho, sendo estas: 2020, v.3) "*Chatman Revisited: Re-examining and Resituating Social Theories of Identity, Access, and Marginalization in LIS*" (6), com as editoras Dr. Nicole A. Cooke e Dr. Amelia N. Gibson; e 2022, v. 4) "*Library and Information Studies and the Mattering of Black Lives*"(2) com as editoras: Michelle Caswell, Safiya Umoja Noble, Sarah T. Roberts e Tonia Sutherland.

Situado nos temas de mudanças, na medida que se aproxima de um pensamento crítico e decolonial, destacamos por meio da análise dos títulos as edições de 2017 (*Inaugural Issue; Critical Archival Studies*) e 2021 (*Radical Empathy in Archival Practice*), cujos editores são: Michelle Caswell, Ricardo Punzalan, T-Kay Sangwand, Elvia Arroyo-Ramírez, Jasmine Jones, Shannon O'Neill e Holly A. Smith. Os temas dos arquivos aparecem, também, em textos de outras edições, apesar de não serem mencionados nos títulos dos dossiês (há um total de 59 artigos, e destes, os tópicos arquivísticos constam de forma frequente).

Sobre a dimensão editorial de periódicos, devido à necessidade de um recorte, optamos por detalhar os artigos das edições cujo tema explícito é a dimensão decolonial e crítica, selecionando, portanto, uma edição de cada periódico que são representativos de tais questões, conforme ilustra o Quadro 3:

Quadro 3 - Caracterização do domínio editorial de periódicos com focos críticos e decoloniais na Arquivística (2017 e 2019)

Caracterização	Títulos dos Artigos	Autores	Palavras-Chave
Periódico: <i>Journal of Critical Library and Information Studies</i> Ano: 2017 (v.1, n.2) Editores: Michelle Caswell, Ricardo Punzalan, e T-Kay Sangwand Tema da Edição Especial: <i>Critical Archival Studies</i>	1. <i>Critical Archival Studies: An Introduction</i>	Michelle Caswell, Ricardo Punzalan, T-Kay Sangwand	Não constam
	2. <i>A Matter of Life or Death: A Critical Examination of the Role of Records and Archives in Supporting the Agency of the Forcibly Displaced</i>	Anne J. Gilliland	
	3. <i>Critical Archiving and Recordkeeping Research and Practice in the Continuum</i>	Joanne Evans, Sue McKemmish, Greg Rolan	
	4. <i>Archives Without Archives: (Re)Locating and (Re)Defining the Archive Through Post-Custodial Praxis</i>	Christian Kelleher	
	5. <i>Archival Amnesty: In Search of Black American Transitional and Restorative Justice</i>	Tonia Sutherland	
	6. <i>Power to the People: Documenting Police Violence in Cleveland</i>	Stacie M Williams, Jarrett Drake	
	7. <i>Appraising Newness: Whiteness, Neoliberalism &</i>	Eunsong Kim	

	<i>the Building of the Archive for New Poetry</i>		
	<i>8. Insistering Derrida: Cixous, Deconstruction, and the Work of Archive</i>	Verne Harris	
	<i>9. Critical Feminism in the Archives</i>	Marika Cifor, Stacy Wood	
	<i>10. A Queer/ed Archival Methodology: Archival Bodies as Nomadic Subjects</i>	Jamie Ann Lee	
Periódico: Archive Science Ano: 2019 Editores: Jamila Ghaddar e Michelle Caswell Tema da Edição Especial: “To go beyond”: towards a decolonial archival praxis	<i>1. To go beyond”: towards a decolonial archival praxis</i>	Jamila Ghaddar Michelle Caswell	Não consta
	<i>2. Toward slow archives</i>	Kimberly Christen; Jane Anderson	Ethical curation; Indigenous collaborations; Access; Technology
	<i>3. Unsettling evidence: an anticolonial archival approach/reproach to Federal Recognition</i>	María Montenegro	Anticolonial archival theory and praxis; Evidence; Federal Recognition policy; Fernandeño Tataviam Band of Mission Indians; Settler colonial archives; Sovereignty
	<i>4. Archival encounters: rethinking access and care in digital colonial archives</i>	Daniela Agostinho	Colonial archives; United States Virgin Islands; Denmark; Digitization; Access; Postcolonial ethics of care.
	<i>5. Reading gesture: Katherine Dunham, the Dunham Technique, and the vocabulary of dance as decolonizing archival praxis</i>	Tonia Sutherland	Katherine Dunham; Dunham Technique; Dance; Gesture; Transmission; Codification; Visual literacy; Decolonial archival praxis;
	<i>6. Radical empathy, the imaginary and affect in (post)colonial records: how to break out of international stalemates on displaced archives</i>	James Lowry	Displaced archives; Migrated Archive; Affect; Imaginary; Radical empathy
	<i>7. Epilogue. On Augusta’s porch; a meditation on decolonizing the archives</i>	Jeannette A. Bastian	Não consta

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nas informações do *website* do periódico.

Na dimensão dos periódicos 23 autores/autoras estão a cargo das publicações, sendo que Caswell e Sutherland figuram tanto como autoras da dimensão crítica quanto



decolonial, e a primeira repete essa característica enquanto editora. Notamos que os autores/autoras no geral são docentes da área de Arquivística, o que revela o envolvimento do campo com esses temas, ainda que em estágio inicial.

5.2 Domínio editorial: Séries de livros

No domínio editorial, a editora *Litwin Books*, possui uma série intitulada *Archives, Archivists and Society*. A editora, localizada em Sacramento, Califórnia, caracteriza-se por ser uma editora independente sobre mídia, comunicação e registro cultural, cujo foco crítico consta em seu escopo:

Somos interdisciplinares em escopo e intenção e reunimos trabalhos de uma variedade de disciplinas, **incluindo estudos arquivísticos**, estudos de mídia, estudos de comunicação, estudos culturais, estudos de informação, filosofia da tecnologia, história da comunicação, história de arquivos e bibliotecas e campos relacionados. Nossa independência de instituições maiores nos dá a liberdade de **oferecer perspectivas críticas que vão contra a corrente**, bem como, ocasionalmente, dar mais liberdade aos pesquisadores cujo trabalho esteja fora de seu fluxo editorial comum. (WEBSITE LITWIN BOOKS, 2022, tradução e grifo nosso).

A editora possui um selo intitulado *Library Juice Press*, que também publica livros com questões teóricas e práticas na Biblioteconomia e Ciência da Informação a partir de uma perspectiva crítica. Há um total de cinco séries temáticas que ilustram essa dimensão contracorrente: 1) *Critical Book, Publishing, and Literacy Studies*; 2) *Critical Information Organization in LIS*; 3) *Critical Race Studies and Multiculturalism in LIS*; 4) *Gender and Sexuality in Information Studies* e, 5) *Archives, Archivists and Society*. Nesse trabalho, nosso foco será nesta última série, cuja editora é a Michelle Caswell, professora da UCLA.

Esta série **destaca publicações em estudos arquivísticos críticos** [...] A série oferece várias perspectivas de dentro e fora da comunidade arquivística sobre a ideia de arquivos, a educação dos arquivistas, os fundamentos históricos e os aspectos mais recentes que definem o conhecimento arquivístico, líderes arquivísticos e teóricos e novas ideias que influenciam como agora vemos e valorizamos arquivos e arquivistas em nossa era atual. Estas publicações destinam-se a arquivistas praticantes, estudiosos dentro e fora dos estudos arquivísticos e outros interessados na natureza dos arquivistas e arquivos, e estudantes que se preparam para carreiras arquivísticas. (WEBSITE LITWIN BOOKS, 2022, tradução e grifo nosso).

Apresentamos no Quadro 4 as edições publicadas pela Litwin da série *Archives, Archivists and Society* até 2022.



Quadro 4 - Relação das edições da série *Archives, Archivists and Society* da editora Litwin Books (2008-2020)

Ano	Título	Autor/autora ou editor/editora
2008	<i>Restoring Order- The Ecole Des Chartes and the Organization of Archives and Libraries in France, 1820-1870</i>	Lara Jennifer Moore
2009	<i>Personal Archives and a New Archival Calling Readings, Reflections and Ruminations</i>	Richard J. Cox
2009	<i>From Polders to Postmodernism: A Concise History of Archival Theory</i>	John Ridener
2011	<i>Archival Anxiety and the Vocational Calling</i>	Richard J. Cox
2013	<i>Import of the Archive: U.S. Colonial Rule of the Philippines and the Making of American Archival History</i>	Cheryl Beredo
2014	<i>Identity Palimpsests: Archiving Ethnicity in the U.S. and Canada</i>	Dominique Daniel e Amalia Levi (Editores)
2015	<i>Archival Research and Education: Selected Papers from the 2014 AERI Conference</i>	Richard J. Cox, Alison Langmead, e Eleanor Mattern (Editores)
2018	<i>Decolonizing the Caribbean Record An Archives Reader</i>	Jeannette A. Bastian, John A. Aarons, and Stanley H. Griffin (Editores)
2020	<i>Archives and Special Collections as Sites of Contestation</i>	Mary Kandiuk (Editor)

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nas informações do *website* da editora.

Os nove livros que compõem a série retratam temas de aspectos teóricos e metodológicos da área da Arquivística, e há alguns que focam nas perspectivas contemporâneas da área, como os das edições de 2014, 2015, 2018 e 2020. Importante ressaltar que essa taxonomia de séries da editora apresenta uma dimensão inter relacionada com outras, por exemplo, há quatro livros da série *Gender And Sexuality In Information Studies* que possuem relação com a dimensão Arquivística, sendo eles: (2012) *Make Your Own History: Documenting Feminist and Queer Activism in the 21st Century*, editado por Lyz Bly e Kelly Wooten; (2014) *Ephemeral Material: Queering the Archive*, por Alana Kumbier; (2020) *Documenting Rebellions: A Study of Four Lesbian and Gay Archives in Queer Times* por Rebecka Taves Sheffield e, (2021) *The Social Movement Archive* por Jen Hoyer e Nora Almeida.

Já a editora britânica *Routledge* é multinacional, de abrangência global nas áreas em humanidades e ciências sociais. De acordo com informações na Wikipédia a empresa publica aproximadamente 1.800 periódicos e 5.000 novos livros a cada ano e sua lista de catálogos abrange mais de 70.000 títulos. Ela conta com mais de 300 séries nessas áreas do conhecimento.

O *site* da editora não apresenta categoria específica do campo de estudos da informação, há uma classe na busca por assunto intitulada: *Reference & Information Science*, e dentro dela: *Library & Information Science*. Com esse fluxo é possível chegar a séries como "*Studies in Library and Information Science*", entre outras. Quando se busca por livros, nem todos são classificados dentro de uma série, e essa padronização parece se aplicar aos mais recentes. Esse foi o caso de nossa busca por "*archival*" em que foi possível chegar à série foco deste artigo, *Studies in Archives*.

A série *Routledge Studies in Archives* publica pesquisas novas e de ponta em estudos arquivísticos. Reconhecendo o imperativo do trabalho de *record-keeping* em apoio à **memória, justiça social, sistemas técnicos, direitos legais e compreensão histórica, esta série amplia os limites disciplinares dos estudos arquivísticos**. Ele vê o arquivamento em atividades pessoais, econômicas e políticas, culturas histórica e digitalmente situadas, subculturas e movimentos, desenvolvimentos tecnológicos e de infraestrutura e em muitos outros lugares [...] traz conhecimento de diversas tradições acadêmicas e culturais para uma conversa e apresenta o trabalho de estudiosos emergentes e estabelecidos, lado a lado. Promove a exploração da história intelectual da arquivologia, a internacionalização do discurso arquivístico e a construção de uma nova teoria arquivística. (WEBSITE ROUTLEDGE, 2022, tradução e grifo nosso).

A série é recente, com início em 2020, e conta com sete livros publicados até 2022. À frente como editor está o Professor da *City University of New York*, James Lowry.

Quadro 5 - Relação da série *Studies in Archives* da editora Routledge (2022)

Ano	Título dos Livros	Autor/autora ou editor/editora
2020	<i>Archives, Recordkeeping and Social Justice</i>	David A. Wallace, Wendy M. Duff, Renée Saucier e Andrew Flinn (Editores)
2020	<i>Producing the Archival Body</i>	Jamie A. Lee (Autor)
2020	<i>Ghosts of Archive: Deconstructive Intersectionality and Praxis</i>	Verne Harris (Autor)
2021	<i>Urgent Archives Enacting Liberatory Memory Work</i>	Michelle Caswell (Autora)
2022	<i>Archiving Caribbean Identity Records, Community, and Memory</i>	John Aarons, Jeannette A. Bastian, Stanley Hazley Griffin (Editores)
2022	<i>Exhibiting the Archive Space, Encounter, and Experience</i>	Peter Lester (Autor)
2022	<i>The Remaking of Archival Values</i>	Victoria Hoyle (Autor)

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nas informações do *website* da editora.

Assim como na *Litwin Books*, a *Routledge* também publicou livros sobre Arquivística que não se encontram na série analisada aqui, e cujas temáticas se enquadram no escopo crítico: *Archives and Human Rights*, editado por Jens Boel, Perrine Canavaggio e Antonio González Quintana com 17 capítulos (2021); *Disputed Archival Heritage* editado por James

Lowry com 12 capítulos (2022); e *Displaced Archives* também editado por James Lowry com 12 capítulos (2021).

No que tange à caracterização do domínio editorial na dimensão dos livros publicados, devido à necessidade de um recorte para este artigo, são detalhados apenas as obras cujo tema explícito é a dimensão decolonial e crítica. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 6, as obras selecionadas para este estudo.

Quadro 6 - Caracterização do domínio editorial capítulos com focos críticos e decoloniais na Arquivística a partir das séries na Litwin Books e Routledge

Editora	Livro	Autor/autora ou editor/editora	Total capítulos
Litwin Books	2018. <i>Decolonizing the Caribbean Record An Archives Reader.</i>	Jeannette A. Bastian; John A. Aarons; Stanley H. Griffin	40
Routledge	2020. <i>Archives, Recordkeeping and Social Justice</i>	David A. Wallace; Wendy M. Duff; Renée Saucier; Andrew Flinn	13
	2020. <i>Ghosts of Archive: Deconstructive Intersectionality and Praxis</i>	Verne Harris	7
	2021. <i>Urgent Archives Enacting Liberatory Memory Work</i>	Michelle Caswell	4
	2022. <i>Archiving Caribbean Identity Records, Community, and Memory</i>	John Aarons; Jeannette A. Bastian; Stanley Hazley Griffin	15
	2022. <i>The Remaking of Archival Values</i>	Victoria Hoyle	6

Fonte: Sistematizado pelas autoras.

Na dimensão editorial de livros, desconsiderando os duplicados, tem-se 77 autores/autoras. Dentre eles, os que publicaram mais de um capítulo nas coletâneas analisadas são: Allison O. Ramsay (2); Andrew Flin (2); Gracelyn Cassells (2); James Robertson (2); Joel A. Blanco-Rivera (2); Sharon Alexander-Gooding (2); David A Wallace (3); Jeannette A. Bastian (3); Stanley H. Griffin (3); Wendy M. Duff (3) e John A. Aarons (5). Destacam-se Caswell, Harris e Hoyle, enquanto autores de livros completos.

5.3 Caracterização geral dos domínios editoriais de periódicos e livros em conjunto

A caracterização conjunta desses domínios soma 8 editoriais com 2 dossiês em revistas e 6 livros, sendo esses últimos 3 de autoria única e 3 de coletâneas (descritos nos quadros 3 e 6).

Para essa análise, utilizamos a lente de estruturação científica, visando identificar: a) nome do periódico ou livro e sua caracterização; b) número, volume e ano de publicação; c) nome dos autores e editores; d) título dos artigos e capítulos; e) idioma das publicações; f) temas dos trabalhos, e g) condições de acesso.

Assim, sob a lente de estruturação científica, além dos elementos apresentados nas seções anteriores, tem-se os anos de publicação variando entre 2017 e 2022, no idioma inglês.

No que toca aos temas, é possível observar as categorias identificadas previamente por Tognoli e Rocha (2021) ao analisarem os trabalhos sobre justiça social na literatura internacional, quais sejam: Contextos e Comunidades (Abandono, Pessoas com deficiência, Ditadura, Educação, Ética, Feminismo, Guerras, Comunidades Indígenas, Minorias Étnicas e Religiosas, Movimento LGBTQIA+, Movimento Negro e Teoria Arquivística); e Lutas (Igualdade, Reconciliação, Reconhecimento, (Re)construção da identidade, Reivindicação e Reparação e Revisão teórica). Sobre o acesso, a maioria dos textos não se encontra em acesso aberto, com exceção do periódico JCLIS.

Para além da lente de estruturação científica, buscando iniciar a caracterização da comunidade, utilizamos, também, a lente epistêmica biográfica, visando identificar: a) nome do autor-autora/editor-editor; b) atuação profissional; c) temas de pesquisa; d) formação acadêmica; e) filiação institucional; f) país.

Os resultados demonstram que esses domínios estão a cargo de 13 atores, sendo eles:

Quadro 7 - Caracterização editores/autores categorizados por universidades e país

Editores/as (E) ou Autores individuais de livros (AIL)	Universidades	País
1. Michelle Caswell (E) e (AIL)	<i>University of California Los Angeles</i>	Estados Unidos
2. T-Kay Sangwand (E)		
3. Ricardo Punzalan (E)	<i>University of Michigan</i>	
4. David A. Wallace (E)		
5. Jeannette A. Bastian (E)	<i>Simmons University</i>	
6. John A. Aarons (E)	<i>University of the West Indies</i>	Jamaica
7. Stanley H. Griffin (E)		
8. Jamila Ghaddar (E)	<i>Dalhousie University</i>	Canadá
9. Wendy M. Duff (E)	<i>University of Toronto</i>	
10. Renée Saucier (E)		

11. Andrew Flinn (E)	<i>University College London</i>	Inglaterra
12. Victoria Hoyle (AIL)	<i>University of York</i>	
13. Verne Harris (AIL)	<i>University of Cape Town</i>	África da Sul

Fonte: Sistematizado pelas autoras.

Uma reflexão possível a respeito desses dados é: o que significa ter editores e autores predominantes em universidades da América do Norte?

Certamente essa discussão não vai encontrar nesse trabalho um ponto final, mas, podemos evidenciar que há uma geografia desses debates ligados aos autores de universidades com investimentos e presença no cenário global. No entanto, há ainda, a presença de países como Jamaica e África do Sul, aspecto que podemos evidenciar enquanto positivo para tais discussões. Precisamos, ainda, de outros estudos para avaliar essa dimensão geográfica, e acreditamos que as discussões de Mignolo (2020) e outros autores/autoras da geopolítica do conhecimento podem enriquecer o debate.

No que tange aos dados biográficos, observamos que a maioria dos autores é ou foi docente em universidades, em departamentos de estudos da informação, com temas e pesquisa que englobam o espectro da dimensão crítica e decolonial (arquivos comunitários, justiça social, história oral, impacto emocional do trabalho arquivístico, arquivos digitais, memória, direitos humanos, entre outros). Há, ainda, autores/editores com trajetórias em instituições Arquivísticas como Verne Harris (Fundação Nelson Mandela) e John A. Aarons (Arquivo da Jamaica).

Sobre a formação acadêmica, todos possuem um *background* forte nas ciências humanas, com graduação e especialização nas áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivística, História e Antropologia. Os autores/editores concentram-se em cinco países, com destaque para a América do Norte: Estados Unidos (5); Canadá (3); Jamaica (2); Inglaterra (2) e África do Sul (1).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso aqui adotado teve como objetivo mapear e dar visibilidade ao campo da temática crítica e decolonial nos estudos arquivísticos, no domínio editorial do contexto internacional, considerando estas, enquanto duas correntes epistêmicas que visam mudanças de forma estrutural na *práxis* Arquivística.



De acordo com o critério de pesquisa, conforme os termos de busca, método e recorte realizado⁹, observamos que a produção científica na área ainda é recente, com uma literatura escassa, produzida por uma comunidade discursiva ainda em desenvolvimento, no idioma inglês, e publicada em periódicos e livros que não estão em acesso aberto, com exceção do periódico JCLIS. Tal modelo de publicação denota uma total contradição com a proposta crítica e decolonial defendida por esses autores e autoras, uma vez que limita o conhecimento, excluindo o sul global e suas epistemologias, comprometendo, por exemplo, na América Latina, a divulgação de propostas e debates de um giro decolonial em âmbito arquivístico.

Por outro lado, é importante reconhecer esses esforços e notar que, não por acaso, o interesse em uma decolonização dos arquivos e da *práxis* Arquivística parte de países que foram colonizados, como Estados Unidos, Canadá e África do Sul, e que são raras as iniciativas em países europeus colonizadores (com exceção dos estudos de Flinn e Hoyle na Inglaterra).

Tal interesse acontece de forma predominante nas discussões realizadas no contexto acadêmico, por pesquisadores com formação humanística e projetos de pesquisa e laboratórios que visam não apenas o debate epistemológico da questão, mas, também, a aplicação de novas práticas e metodologias para a construção de um trabalho de memória libertadora, com a participação mais ativa da comunidade. Por outro lado, tal iniciativa é vista com menos vigor no âmbito das instituições Arquivísticas tradicionais, o que demonstra que o debate ainda está longe de se esgotar e que há muitos espaços a serem explorados, em especial no Brasil.

Em vista disso, podemos mencionar dois eixos de análises/desafios que se interrelacionam a respeito de futuras possibilidades para que esses horizontes possam ser terrenos férteis nas pesquisas e projetos de docentes e discentes da Arquivística brasileira: acesso/traduições e diálogos com nossa realidade social.

Para a questão do acesso a esses horizontes, há a necessidade de traduções, o que envolve um alinhamento terminológico desafiador¹⁰, discussões sobre políticas editoriais

⁹ Destacamos aqui que esses resultados foram recuperados a partir de nosso recorte, desconsiderando, por exemplo, outros tipos de estudos críticos em informação que o estudo não abarcou. Não podemos esquecer que há diversos livros que foram publicados em formato impresso e que não foram foco do trabalho, especialmente aqueles do início do século passado. A questão de direitos autorais, editorias independentes e pequenas editoras também são uma das formas estratégicas de publicação nos estudos informacionais que ficam de fora do escopo tradicional. Não podemos esquecer que havia e há uma narrativa a ser preservada quando estamos falando dos estudos informacionais e de seu histórico.

¹⁰ O trabalho de Delgado Gómez (2007) sobre *La indeterminación de la traducción archivística* pode iniciar o debate, ajudando inclusive, a fundamentar mediante seus argumentos, quais conceitos podem ser traduzidos

(escolha do formato e tipo de mercado editorial), além de incentivos e financiamento de publicações nacionais com tais temáticas.

A visibilidade (por meio de traduções ou eventos) desse domínio editorial crítico e decolonial dos estudos arquivísticos para o contexto nacional pode enriquecer os diálogos a respeito dos desafios inerentes à nossa realidade social, por ser fomento às discussões de um “trabalho de memória libertadora”¹¹, seja em âmbito do saber, poder ou ser, que comporta as vastas possibilidades do registro, em diferentes contextos latino-americano arquivísticos.

Por meio deste mapeamento foi possível chegarmos à identificação, ainda que inicial, da lógica da estruturação científica das temáticas crítica e decolonial na Arquivística internacional, o que nos permite conhecer os recursos informacionais disponíveis que podem ser utilizados no ensino, na pesquisa ou extensão, ao tratar sobre os temas. No entanto, é importante destacarmos que a identificação da dimensão editorial com autores e temáticas revela seus desafios do ponto de vista do recorte-temporal e geográfico.

Ainda, a identificação de editores e editoras certamente pode ser considerado um primeiro passo para a caracterização de uma comunidade discursiva compromissada com o rompimento estrutural na *práxis* Arquivística, visando, de forma crítica, ser mais plural, comunitária e inclusiva.

Enquanto recomendações futuras, esperamos que sejam realizadas pesquisas mais verticalizadas sobre essa comunidade, com vistas a fomentar o incentivo de domínios editoriais críticos e decoloniais arquivísticos para o contexto brasileiro, e também, da América Latina. Para o cenário brasileiro acreditamos que será necessário, além de fomentos com a tradução desses domínios, pensar também na formação continuada dos docentes dos cursos de Arquivologia, para que possam conhecer e se envolver com tais dimensões de rupturas/ampliação da Arquivística tradicional com objetivos emancipatórios mediante realização de projetos e pesquisas com discentes, em especial na extensão.

nesse campo semântico da crítica e decolonialidade na perspectiva Arquivística cujos trabalhos em idioma inglês têm sido predominantes.

¹¹ O termo “trabalho de memória libertadora” (*‘liberatory memory work’*) aparece pela primeira vez em 2014 e seu objetivo “[...] é liberar as sociedades dos ciclos de violência, preconceito e ódio e, em vez disso, criar sociedades vibrantes e conscientes que se esforcem para alcançar um equilíbrio justo entre os direitos individuais e coletivos. [...] O trabalho de memória libertadora responde fundamentalmente ao apelo da justiça.” (GOULD; HARRIS, 2014, p.5, tradução nossa).



REFERÊNCIAS

CASWELL, M. **Urgent Archives**: Enacting Liberatory Memory Work. 1. ed. Routledge Studies in Archives. New York: Routledge Press, 2021.

CASWELL, M.; PUNZALAN, R.; SANGWAND, T. Critical Archival Studies: an Introduction.

Journal of Critical Library and Information Studies, v. 1, n. 2, p. 1-8, 2017. DOI:

<https://doi.org/10.24242/jclis.v1i2.50>. Disponível em:

<https://journals.litwinbooks.com/index.php/jclis/article/view/50/30>. Acesso em: 23 dez 2022.

DELGADO-GÓMEZ, A. La indeterminación de la traducción archivística. **El profesional de la información**, v.16, n. 1, p. 39-46, jan/fev. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2007.ene.04>.

Disponível em:

<https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2007.ene.04/31491>.

Acesso em: 23 dez. 2022.

FRASER C.; TODD Z. Decolonial sensibilities: Indigenous research and engaging with archives in contemporary colonial canada. In: IŠTOK, R; (org). **Decolonising Archives**. L'Internationale Online, 2016. p. 32-39. Disponível em:

http://www.internationaleonline.org/research/decolonising_practices/54_decolonial_sensibilities_in_indigenous_research_and_engaging_with_archives_in_contemporary_colonial_canada. Acesso em 23 dez 2022. *Ebook*.

GARCEZ, D. C.; SALES, R. Decolonizando a organização do conhecimento: um olhar do periódico Knowledge Organization (2000-2020). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, ANCIB, v. 14, p. 1-21, 2021. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/195017>. Acesso em: 02 abr. 2023.

GHADDAR, J; CASWELL, M. Towards a Decolonial Archives. **Archival Science**, [s.l.], n.19, p. 71-85, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10502-019-09311-1>. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-019-09311-1>. Acesso em: 23 dez 2022.

GILLILAND, A. Neutrality, social justice and the obligations of archival education and educators in the twenty-first century. **Archival Science**, [s.l.], v. 11, n. 3-4, p.193-209, 2011. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1007/s10502-011-9147-0>. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-011-9147-0>. Acesso em: 23 dez. 2022.

GOULD, C; HARRIS, V. Memory for Justice. **Nelson Mandela Foundation**, [s.l.], n. 1. p.1-7, 2014. Disponível em: [https://](https://www.nelsonmandela.org/uploads/files/MEMORY_FOR_JUSTICE_2014v2.pdf)

www.nelsonmandela.org/uploads/files/MEMORY_FOR_JUSTICE_2014v2.pdf. Acesso em 23 dez 2022.

HARRIS, V. The archival sliver: Power, memory, and archives in South Africa. **Archival Science**, v. 2, p. 63–86, 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02435631#citeas>. Acesso em: 25 dez. 2022.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, [s.l.], v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches: traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, [s.l.], v. 58, n.4, p. 422–462, 2002.

HJØRLAND, B. Domain analysis. **Knowledge Organization**, [s.l.], v.44, n. 6, p. 436-464, 2017.



JIMERSON, R. C. Arquivos para todos: a importância dos arquivos na sociedade. **Arquivo & Administração**, [s.l.], v. 7, n. 2, p.27-44. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/51333>. Acesso em: 23 dez 2022.

MAI, J. E. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing and Management**, [s.l.], v. 41, n. 3, p. 599-661, 2005.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGUÉL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 9-26.

MALDONADO-TORRES, N. El Caribe, la colonialidad, y el giro decolonial. **Latin American Research Review**, v. 55, n. 3, p. 560-573, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/el-caribe-la-colonialidad-y-el-giro-decolonial/3063123107450770B0313350A6545B6E>. Acesso em: 23 dez 2022.

MIGNOLO, W. **Histórias locais, projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIRANDA, M. L. C. de. A Organização do Conhecimento e a filosofia do pluralismo religioso no contexto das religiões de matrizes africanas. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência Da Informação**, XX, 2019, Florianópolis. Anais[...] Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1374>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MOURA, M. A. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc Em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 118-135, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v14i2.4472>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4472/3941>. Acesso em: 02 abr. 2023.

REGO, L. M. P. **O periódico científico como forma de representação de domínio em ciência da informação**: uma análise da revista BRAJIS (2006-2019). 2020. 571 p. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2020.

SALDANHA, G. Sem e cem teorias críticas em ciência da informação: Autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In: BEZERRA, A.C. et al. (Org). **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019, p. 171-240.

TENNIS, J. Com o que uma análise de domínio se parece no tocante a sua forma, função e gênero? **Brazilian Journal of Information Science**: research trends, [s.l.], v. 6, n. 1, p 3-15. 2012.

TOGNOLI, N B; ROCHA, G. M de Q. A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura. **ÁGORA: Arquivologia em Debate**, [s.l.], v. 31, n.63, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/987>. Acesso em 23 dez 2022.

ZINN, H. Secrecy, archives, and the public interest. **The midwestern archivists**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 14-26. 1977.



NOTAS

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: ALENCAR, TOGNOLI; CERVANTES.

Coleta de dados: ALENCAR, TOGNOLI.

Análise de dados: ALENCAR, TOGNOLI.

Discussão dos resultados: ALENCAR, TOGNOLI; CERVANTES.

Revisão e aprovação: ALENCAR, TOGNOLI; CERVANTES.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Encontros Bibli** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Franciéle Garcês, Natalia Duque Cardona, Edgar Bisset Alvarez, Ana Clara Cândido, Genilson Geraldo.

HISTÓRICO

Recebido em: 30/01/2023 – Aprovado em: 03/04/2023 – Publicado em: 05/05/2023.

